

Os Novos Hippies

Hermano Vianna

1991

É bom você ir se preparando para os novos tempos. O primeiro passo? Vestir a túnica indiana (de preferência aquela branquinha e fininha) que está escondida no armário e sair orgulhoso para as ruas procurando sua nova turma. Se você foi tolo o suficiente para jogar fora todo o guarda-roupa bicho-grilo, ou se você não tem idade suficiente para ter tido uma túnica indiana, considere seriamente a possibilidade de vasculhar os todos os brechós da cidade. Vai valer a pena: você ocupará novamente seu lugar na crista da onda.

É isso mesmo: os hippies estão de volta com a corda toda. De nada adiantaram todos esses anos de ditadura punk, disco ou hip hop, quando ser acusado de bicho-grilo era a pior dos xingamentos. Os hippies agüentaram todas as críticas com a postura não-violência de um Gandhi e se refugiaram no underground, um lugar onde se sentem tão confortáveis como porcos na lama (e lama não seria um problema, vide Woodstock). Aos poucos, eles começaram a colocar suas cabeleiras de fora e hoje, quase secretamente, voltaram a dar as ordens. Não estou falando da garotada-ecstasy inglesa, os fãs do 808 State ou os devotos da Church of The KLF. Estou falando de hippies mesmo, daqueles que escutam - diariamente - a obra completa do Jefferson Airplane viajando a bordo de um bom e velho cogumelo mexicano. Afinal, eu não escrevi "túnica indiana" para ser engraçadinho.

Provas? Pense nas palavras chaves dos anos 80/90: realidade virtual, vida artificial, cyberpunk, world music, democracia eletrônica, universo holográfico, caos. Por trás de cada uma delas, existe um hippie ou uma idéia hippie no comando. Não sei se essa situação é óbvia para todo mundo, não sei se estou delirando. Até bem pouco tempo eu apenas farejava um leve cheiro de patchouli no ar. Resolvi levar a sério a minha intuição e fui parar (aonde mais poderia ser?) num show do Grateful Dead, o quartel-general-ambulante da nova conspiração maluco-beleza. Foi lá que tive, vamos dizer assim, minha revelação religiosa.

No início eu me senti um pouco esquisito. Ao sair de casa, já reparei pessoas vestidas de modo pouco convencional nas ruas da cidade - e olha que o show foi realizado em Chicago, lugar que tem uma capacidade espantosa de camuflar qualquer tipo de emoção coletiva. Além das túnicas indianas, eu vi alguns ponchos peruanos e muitas camisetas coloridas, daquele estilo desbotado-pintado-a-mão que fez muito sucesso nas feiras hippies brasileiras do início dos anos 70. Ao me aproximar do Soldier Field, o estádio de futebol americano local onde o show seria realizado, quase tive uma overdose de artesanato. Mais de 50 mil deadheads (como os fãs do Dead se chamam) já estavam acampados nas redondezas e muitos deles trouxeram coisas para vender, de calças largonas feitas na Guatemala a drogas psicodélicas de todas as procedências.

O show foi uma maravilha. Não prestei muita atenção na música, pois passei o tempo inteiro andando pra lá e pra cá, maravilhado com a evolução dos dançarinos na platéia. Eram aquelas danças muito loucas, onde cada movimento exprime uma emoção profunda e irrepetível, deu pra dar uma idéia? Em cada um dos vinte e tantos túneis que davam acesso às arquibancadas ficavam reunidos uns três ou quatro deadheads hardcores mandando brasa na atividade corporal. Um túnel estava ocupado por quatro meninas de saia longa suja e suvaco cabeludo. Uma delas ficava de braço levantado, movimentos lentos, como se estivesse se espreguiçando. As outras três ficavam em pé, de olho fechado, só curtindo a música distante, paradonas. O túnel seguinte estava ocupado por um único cara descalço, este sim possuído pelo "som": sua coreô alternava a paz do tai-chi com o contorcionismo de Linda Blair no Exorcista.

A platéia, em sua maioria com menos de 25 anos, não estava ali para cultivar um tempo de paz e amor para o qual chegaram atrasados. Nada disso. Os deadheads podem entrar no coro daquela música da Legião e cantar "temos nosso próprio tempo". Em outras palavras: Woodstock é aqui, em qualquer lugar onde Jerry Garcia, o dead-mor, ligue sua guitarra. Muitos dos deadheads vão sempre estar nesse lugar, porque todo show é imperdível, nenhum show do banda é igual a outro, as músicas nunca são tocadas como no passado, tudo depende do "momento". Por isso uma das diversões favoritas dos fãs do Grateful Dead (que, é claro, se consideram uma família) é adivinhar quais as músicas que vão ser tocadas em cada show. Quem acerta está em sintonia com o astral.

E a família Grateful Dead está em sintonia com os anos 90. Quando voltei para casa, depois de enfrentar 3 horas e 45 minutos de show, eu imediatamente liguei meu micro no rec.music.gdead, um ponto de encontro dos deadheads dentro da Usenet, uma rede intercontinental de computadores. Já havia mensagens falando sobre o que aconteceu no Soldier Field: "Eu vi Deus em Jerry Garcia tocando Dark Star hoje a noite em Chicago. E vi Deus em muitos de vocês também." A banda incentiva tanto as manifestações místicas, quanto as revoluções micro-tecnológicas. Durante o show, os telões de vídeo mostravam fractais, a mais bonita tradução visual da teoria do caos. Foi olhando para aquelas imagens pós-psicodélicas e, mais tarde, lendo as mensagens dos deadheads na tela do meu computador que eu realizei: os hippies deram a volta por cima. Será que já entramos mesmo na Era de Aquário?

Continuo delirando? Bem, posso falar de John Barlow, letrista (há vinte anos) do Grateful Dead e que hoje é também um dos fundadores (junto com Mitch Kapor, que por sua vez já tinha sido fundador da Lotus, importante companhia de software) da Electronic Frontier Foundation. Essa organização tem como objetivo imediato proteger os hackers ("piratas" da era informática) da perseguição do governo norte-americano. Mas o projeto é mais ambicioso e vital: garantir (como os hackers querem) a democracia eletrônica, isso é, que o controle da era informática deixe de ser monopólio das grandes corporações e passe para as mãos dos indivíduos. Em resumo: paz e amor, todo mundo vivendo numa boa ("seja você mesmo"), sem a opressão do sistema careta. Só que, em vez de uma comunidade em Mauá, o lance agora é transar computador.

Acredite: computador dá até barato. Foi mais ou menos esse o papo que ouvi no dia seguinte ao show do Grateful Dead, quando fui assistir uma palestra do Timothy Leary, um carinha que já foi apelidado de Papa do LSD. Já faz algum tempo que o velho Timothy (ele tem 70 anos e diz ter descoberto mais uma nova droga, "tão legal quanto a maconha": a senilidade) anda ganhando dinheiro propagandeando o computador como um poderoso agente para a "expansão das nossas mentes". Agora, ele excursiona pelos Estados Unidos dizendo que a realidade virtual, aquele mundo criado por computador no qual nós (com o capacete apropriado e a roupa de fibra ótica etc.) podemos "mergulhar", é a nossa salvação. Imagens do nirvana eletrônico: "as criancinhas do terceiro mundo assistirão aulas em escolas virtuais globais"; "ninguém precisará usar o corpo para tarefa enfadonhas, como uma viagem de negócios para Tóquio, o corpo será utilizado só para o prazer." Não é lindo?

Como um tira-gosto desse paraíso, Timothy Leary nos mostrou dois jogos de CD-Rom (um leitor de CD interativo que deve ser acoplado ao micro), criados pela Reactor, uma produtora de entretenimento computacional daqui de Chicago. No primeiro deles, chamado - insinuantemente - Virtual Valerie, o jogador pode explorar, nos mínimos detalhes, o apartamento e o corpo da pós-prostituta Valerie. O segundo jogo, Spaceship Warlock, já foi apelidado de "filme interativo". Nele, o jogador (acompanhado por uma trilha sonora hollywoodiana e só com clicadas de mouse), em sua saga intergaláctica, pode até tomar um martini num dos planetas visitados.

Os jogos eram muito bons, o máximo que eu já vi em qualidade de computação gráfica. O que

irritava era ficar ouvindo Timothy Leary falar que aquilo não era apenas diversão, mas mídias (repito) para a expansão de nossas mentes. Ele falava isso quase como um segredo subversivo, que "eles" (os governos, os caretas) não podem descobrir. O difícil é ouvir esse papo anti-estabelecimento no salão de conferências de um dos hotéis mais chiques da cidade, com vista para a loja da Chanel do outro lado da rua. Mas tudo bem, como bom guru hippie, o velho Timothy precisa vender uma subversãozinha. E eu gosto do seu otimismo: "nós somos mais espertos, nós vamos vencer." Nem penso em quem somos nós. Hippies? Punks? Vencer quem, o quê? Sei lá. Pouco importa. Aceito a vitória.